

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

LINDÉIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA ESCOLA
PÚBLICA EM ARACAJU: QUE LUGAR É ESSE?**

São Cristóvão
Novembro/2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**O ENSINO DA GEOGRAFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA ESCOLA
PÚBLICA EM ARACAJU: QUE LUGAR É ESSE?**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia, Departamento de Educação,
como requisito parcial para obtenção de
grau, orientada pelo Professor Dr.
Florisvaldo Silva Rocha.

São Cristóvão
Novembro/2012

LINDÉIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA CRÍTICA PARA CRIANÇAS NA ESCOLA
PÚBLICA EM ARACAJU: QUE LUGAR É ESSE?**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia, Departamento de Educação,
como requisito parcial para obtenção de
grau.

Aprovada em _____

Prof. Dr. Florisvaldo Silva Rocha

Universidade Federal de Sergipe

Orientador

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Universidade Federal de Sergipe

Primeiro avaliador

Profa.Dra.Silvana Bretas

Universidade Federal de Sergipe

Segunda avaliadora.

AGRADECIMENTOS

Ao meu grande Deus, por ter me ajudado a vencer todas as barreiras;

À minha família, que sempre me ajudou em todas as situações, e em especial a minha irmã Michelle por todo apoio e companherismo;

Ao meu querido e amado esposo Rômulo, que foi um dos maiores incentivadores na conclusão desse curso;

Ao professor Florisvaldo Silva Rocha, pela paciência e dedicação durante a construção desse trabalho;

Também àqueles amigos e colegas que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta pesquisa.

Resumo:

O ensino da Geografia crítica para crianças na escola pública em Aracaju: que lugar é esse? É um trabalho que traz uma abordagem sobre o ensino da disciplina Geografia na escola pública e buscou saber entre outras coisas que tipo de ensino de Geografia é ministrado às crianças no EF (Ensino Fundamental) primeiro ciclo, bem como conhecer o significado daquele lugar (a escola) para eles e os professores. Teve como referência a Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto, localizada no Conjunto Castelo Branco, no município de Aracaju estado de Sergipe, realizada no mês de Março de 2012. Como metodologia foi utilizada pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário, entrevista com a professora regente e também elaboração de perguntas para os alunos (sobre a Geografia). Assim, foi realizada uma reflexão da importância dessa disciplina para os alunos e para os professores e mostra como é difícil para muitos docentes aplicarem um ensino de Geografia instigante, cujos alunos possam construir, observar e representar, preferindo trabalhar com o método tradicional e também o que os mesmos pensam do ensino atuante.

Palavras chaves: Geografia Crítica, Aluno, Ensino Fundamental, Lugar.

Abstract:

The teaching of critical geography to children in public schools in Aracaju: what is this place? It's a job that brings an approach to the teaching of geography in public school discipline and sought to know among other things that kind of teaching Geography is taught to children in ES (Elementary School) first cycle, as well as know the meaning of that place (the school) for them and the teachers. Had reference to the State School Ambaixador Bilac Pinto, located in Castelo Branco Set in the city of Aracaju Sergipe state, held in March 2012. The methodology was used literature, questionnaire, interview with Professor regent and also preparation of questions for students (on Geography). Thus, we conducted a reflection of the importance of this discipline for students and teachers and shows how difficult it is for many teachers implement teaching of Geography instigating, whose students can build, observe and represent, preferring to work with the traditional method and also the that they think of teaching acting.

Keywords: Critical Geography, Student, Elementary Education, Place.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 - CAPÍTULO: O CONCEITO DE LUGAR.	11
2 - CAPÍTULO: A GEOGRAFIA CRÍTICA.	14
3 – CAPÍTULO: A GEOGRAFIA E O LUGAR DA ESCOLA.	16
3- 1 A professora e o lugar da Geografia	18
3- 2 Os alunos e o lugar da Geografia	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS	34
2 – Respostas dos alunos	34
3 – Entrevistas	37

INTRODUÇÃO

Durante o ensino fundamental várias indagações perseguiram a nossa vida escolar com relação à disciplina Geografia, as quais ficaram mais fortes nos estágios realizados na graduação quando notamos a irrelevância atribuída a essa disciplina em várias escolas públicas. Por que a disciplina Geografia ainda é tratada como uma disciplina cuja metodologia de ensino é centrada na simples memorização? Quais as dificuldades que os professores encontram para elaborarem aulas que estimulem nos alunos a crítica e também a criatividade? Qual o papel da Geografia Crítica nos primeiros anos do ensino fundamental? Assim, esse trabalho tenta responder tais indagações, trazendo uma abordagem de como a disciplina Geografia vem sendo ensinada para crianças.

No início da realização da pesquisa tinha-se a ideia de realizá-la no município de Tobias Barreto no estado de Sergipe, em uma escola da rede estadual, mas por motivo de mudança de cidade, foi escolhido como *locus* a escola Estadual Embaixador Bilac Pinto, localizada no conjunto habitacional Castelo Branco, pertencente ao bairro Ponto Novo do município de Aracaju, em Sergipe. A escolha dessa escola se deu porque procurava-se uma escola que atendesse as primeiras séries do ensino fundamental e pretendia-se realizar essa pesquisa próximo à residência da observadora.

As visitas à escola foram feitas no período de duas semanas, entre os dias 19 e 30 de março de 2012. Neste período foram feitas observações, além de entrega de questionário e entrevista à professora regente da turma e a elaboração de uma pergunta para os 19 alunos do 4º ano do ensino fundamental, cuja faixa etária variava de 10 a 12 anos de idade. Vale ressaltar, contudo, que as observações feitas das aulas de Geografia se deram no turno vespertino, porém algumas fotografias e o questionário da professora se deram em outros horários¹.

¹ As observações feitas em outros horários se deram por consequência da paralisação, pois os professores da rede estadual tiveram alguns dias em paralisação nos dias 14, 15 e 16 de março de 2012.

Pelo questionário² e pela entrevista³ com a professora procurou-se conhecer sua metodologia de trabalho na disciplina Geografia e qual o valor daquele “lugar”, no caso, a escola Bilac Pinto para ela. Para isso foi criado um rol de perguntas, o qual a professora pôde levar para casa, mas também houve interação com ela para que fosse relatado um pouco mais sobre as questões ali postas.

Como metodologia utilizou-se pesquisas bibliográficas, questionário e entrevista, além da elaboração de uma pergunta para os alunos desenvolverem em sala de aula.

Quanto a esta pergunta, procurou-se saber a importância que aquele “lugar” tem para os alunos, e nesse sentido teve-se um contato mais direto, um momento na sala de aula, onde pode-se conversar com eles lançando a pergunta: *“O que é a Escola Embaixador Bilac Pinto para você? Fale sobre esse lugar”*. E os alunos responderam em um papel em branco. Foi a ocasião em que se constatou que aquelas crianças gostam bastante da escola.

A escolha desse tema é mais que uma busca pessoal, é também a busca de muitos professores em identificar os fundamentos pedagógicos propostos pela Geografia crítica no ensino da Geografia na escola pública. Nesse caso foi tomado como referência o conceito de “lugar”⁴.

Quando foi proposta a realização desse trabalho, partiu-se da ideia de que o ensino da Geografia na escola está cheio de hábitos da pedagogia tradicional, os quais continuam a distorcer a realidade construída historicamente, distanciando os homens de uma apropriação do espaço com exemplos de uma cidadania real. Essa ideia é encontrada em Vesentini (1995).

² “Questionário” Para Gil, pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

³ “Entrevista” para Gil, entrevista pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação face a face e em que uma delas formula questão e a outra responde.

⁴ ‘Lugar’ é um dos conceitos básicos da Geografia independente da corrente teórica, sendo, portanto, também uma referência de estudo para a Geografia crítica com a qual nos identificamos e exploramos nesse trabalho.

Com base na ideia de Vesentini (1995, p.15) de que alguns alunos do Ensino Fundamental não estão interessados pela Geografia, há uma preocupação em compreender os motivos que levam a esse desinteresse, acreditando que, um dos problemas está nos conteúdos que são delimitados inadequadamente para o momento atual, conteúdos que não ajudam a construir a cidadania. Outro problema também tem haver com as metodologias tradicionais que não estimulam nem a crítica e nem a criatividade. Nessa perspectiva tanto conteúdo, quanto metodologia, que há muito tempo vem sendo trabalhados em sala de aula, são indiferentes ao contexto socioeconômico dos alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares de Geografia, determinam que o ensino de Geografia nas primeiras séries do ensino fundamental, se fundamente nas dimensões subjetivas do conhecimento.

O ensino de Geografia nesses ciclos pode intensificar ainda mais a compreensão, por parte dos alunos, dos processos envolvidos na construção das paisagens, territórios e lugares. Os fatos a serem estudados devem ser abordados de forma mais aprofundada, pois os alunos já podem construir compreensões e explicações mais complexas sobre as relações que existem entre aquilo que acontece no dia-a-dia, no lugar em que vivem, e o que se passa em outros lugares do mundo. (BRASIL, 2001, p. 32)

Com isso o que se pretende do ensino da Geografia a partir da escola, é que ele forneça subsídios para que o aluno possa analisar e compreender a realidade que o cerca, e toda sua complexidade, situando-se nele (o lugar) como sujeito. Esses subsídios, principalmente no ensino fundamental, devem relacionar construção e compreensão do conhecimento à construção da cidadania, a partir do seu cotidiano.

Dessa forma, o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental deve estar relacionado, com a realidade local. As aulas devem permitir que o educando traga o seu conhecimento sobre o lugar onde vive para a sala de aula, para que a partir daí, ele possa construir/relacionar o conceito de espaço e fazer conexões cada vez mais complexas a respeito da relação espaço local - espaço global.

Assim como a Geografia, a escola deve pensar o aluno como um cidadão do mundo, abrindo caminho para a análise mais própria da sua realidade, ampliando e dando oportunidade para a criação de conceitos, trazendo para a prática docente o ensino do cotidiano, fazendo novas leituras da vida e contextualizando o papel da Geografia frente à contemporaneidade, e com isso investi-lo de um conhecimento crítico capaz de fazê-lo se sentir sujeito.

Segundo Filizola (2009, p.22), a Geografia crítica conceitua o homem como ser histórico e social, que produz e transforma o espaço geográfico. Por isso a importância de estudar essa disciplina, usando o conceito de ‘lugar’ para analisar como os alunos do 4º ano aprendem, observam e conceitualizam o lugar, tendo como referência o espaço onde vivem. Com isso, acredita-se que um dos grandes desafios para os professores de todas as áreas do conhecimento e especificamente para os da Geografia, é romper com conteúdos e metodologias tradicionais que historicamente tem deixado suas marcas negativas no contexto escolar e com relação a essa ciência.

Esse papel transformador é atribuído à Geografia crítica, perspectiva pela qual, o aluno tem a possibilidade de entender o espaço geográfico, através da realidade que ele vive.

De acordo Vesentini (1999), a Geografia deve proporcionar ao aluno a construção de conceitos que o possibilite compreender o presente e pensar com mais responsabilidade no seu futuro. Entretanto, o conjunto de estudos feitos para a produção deste trabalho, aponta que a disciplina Geografia tem se tornado desinteressante nas escolas e sem muita importância para a vida.

Para efeito de organização, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado ‘O conceito de lugar’, foi feita uma abordagem sobre este conceito, tendo como referência um dos principais autores dessa área geográfica, Milton Santos; No segundo capítulo, buscou-se situar e definir a Geografia crítica e por fim, no terceiro capítulo, apresentou-se, de forma analítica, os resultados da pesquisa realizada na Escola Embaixador Bilac Pinto.

1 - CAPÍTULO: CONCEITO DE LUGAR

O espaço é, pois o maior lugar possível e manifesta-se como área, região, território. Para Milton Santos (1996, p. 30), o lugar determina as relações e estas, o espaço. As relações entre os lugares podem modificar os lugares e as próprias relações.

O lugar pode ser: uma cidade, uma parte, pode ser um país, uma escola, como também qualquer outro espaço. A população de uma localidade relaciona lugar como uma parcela da área onde ocorriam conexões relacionadas à população que o habitava ou que venha de fora de outros lugares. Esta população era relacionada sob a forma de nacionalidade, e de línguas diferentes. A população identificava como nacionalidade, e habitava e trabalhava no determinado espaço: continente, país, ilha, cidade ou escola.

Conhecer o mundo, o lugar onde vivemos não é o bastante para reconhecermos que ele é rico, mas é o ponto de partida para podermos entender e cuidar, pois acreditamos que compreender o nosso lugar, a nossa cidade, bairro, rua, escola, já nos possibilitam estabelecermos relações com outros lugares distantes ou próximos e mostrando-nos que fazemos parte da sociedade e que pertencemos ao mundo.

A ideia de lugar para Milton Santos é assim entendida:

Consiste da extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário, a partir de duas construções: a configuração territorial e norma, mesmo que efêmera. A estrutura é tão importante quanto a duração do fenômeno. Mas como são as pessoas e os lugares que se globalizam, o espaço se torna único. A globalização tenta impor uma única racionalidade ao mundo. (1994, p. 36)

Milton Santos (1996, p. 145) revela-nos, também, que mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar.

O processo de desenvolvimento de identidade de um lugar seria, para Relph (1980), uma combinação de observação, ou seja, de contato direto com o lugar, e de expectativas estabelecidas antes deste contato. A identidade de um lugar seria deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade,

associando-se, desta forma, ao conceito de lugar. A importância de nossa relação para com os lugares ultrapassa a da nossa consciência dessa ligação.

Como diz esse autor:

Uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado. (RELPH, 1980, p. 41)

Assim, cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, colocando que o lugar tem usos e sentidos em si. É onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem.

Para Santos (1994, p. 97),

O lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. A compreensão do lugar no movimento das contradições exige entendê-lo ajustado nos seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global. O interno abarca as variáveis que estão presentes no lugar, “aquilo que aparece como local”, e o externo constitui-se o que está fora do lugar e se apresenta como uma escala de ação maior. Contudo, os lugares têm variáveis internas e externas, sendo que o externo ao se inserir no lugar se internaliza.

De acordo com o referido autor, a concepção de lugar está intimamente relacionada à própria definição de espaço:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Em outra obra de Santos, o espaço é definido como:

[...] um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1996, p. 71).

Assim, acreditamos que o conceito de lugar é isso, o resultado da ação do homem sobre o próprio espaço.

O lugar se compõe de experiências, da construção de uma cultura, hábitos, valores, de um espaço que nos permite fazer parte da sociedade, possibilitando dessa forma a vida social, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos de vida, os modos, e expressa sua função social, seus projetos e desejos (CARLOS,1996).

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que diz respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, etc., isto é pelas formas através das quais o homem se apropria. “O lugar tem usos e sentidos e, portanto, abarca a vida social, a identidade e o reconhecimento” (Ibidem).

Quando nós pensamos em lugar, trazemos a noção de onde estamos, onde nos localizamos, o nosso mundo, mundo o qual conhecemos a partir das nossas relações com todos os espaços geográficos já conhecidos. Por exemplo, endereço residencial, endereço de lugar de trabalho, de escola, as cidades, estados ou até mesmo países por onde passamos. Todas essas informações nos fazem pensar os diversos lugares conhecidos, que nos fazem enxergar nosso mundo, nossa concepção de mundo. A relação que temos com o espaço, que nos localizamos, e os outros espaços diferentes que existem. É graças à noção de lugar que nós nos vemos ora cidadão, ora estudante... É nessa visão que vamos adquirindo, expandindo nosso conhecimento em relação aos espaços onde vivemos, onde localizamos. E é nele que nós nos identificamos nos construímos.

2 - CAPÍTULO: A GEOGRAFIA CRÍTICA

A Geografia é uma ciência muito importante que precisa ser ensinada de maneira como tal, enquanto disciplina, ela integra o educando e o faz se descobrir como sujeito da história. A escolha pelo ensino da Geografia Crítica é justamente, como já citado anteriormente, por possibilitar aos alunos e professores a liberdade de se expressarem, e assim, formar cidadãos críticos e dignos de exercerem seu papel na sociedade.

A Geografia Crítica surge, no Brasil na década de 1980 em contra posição às escolas anteriores, trazendo diversas inovações, como o uso do método materialista histórico dialético, a análise humana e a crítica social, de modo a promover, no ensino da Geografia, a criticidade do educando, e não apenas o impregnar de fatos e dados para serem memorizados. Porém, se faz necessária uma mudança na prática pedagógica, empregando-a a uma vertente geográfica que estimule o educando a pensar sobre o espaço em que ele vive, explicitando que o conhecimento geográfico é de suma importância para transformar a sociedade em que está inserido, o que poderá trazer grandes ganhos sociais ao Brasil.

Como dizia Lacoste (1988, p. 22) a “Geografia não serve apenas para fazer a Guerra, ela serve para formar homens.” A Geografia crítica preocupa-se basicamente com o desenvolvimento da autonomia, da criatividade do educando, com a cidadania, afinal, a Geografia crítica é ao mesmo tempo o resultado e a condição da existência de cidadãos ativos e participantes, isto é, que questionam as realidades e constroem os direitos democráticos ou direitos do homem.

Para Vesentini uma coisa é certa:

[...] o ensino tradicional da Geografia - mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a terra e o homem” – não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre a sociedade e a natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando peça de museu. (VESENTINI, 2005, p. 220)

A escola hoje tem suas práticas orientadas em modelos tradicionais, ou seja, esses modelos fazem com que os alunos sejam apenas ouvintes, sem participação ativa na aula. Além disso, a lousa é sinônimo de domínio, o livro didático é usado como recurso indispensável, trazendo com ele conceitos prontos e acabados que serão memorizados e logo em seguida esquecidos.

Para Kaercher (2004, p.36) a prática tradicional ainda é uma realidade frequente que envolve professores e alunos desmotivados e atividades cognitivas pouco interessantes e pouco criativas.

A ideia que muitos têm de que a Geografia é uma disciplina só de memorização é preocupante, porque a Geografia é uma ciência que inclui contribuições de outros campos do saber, como da História, da Economia, da Antropologia, da Biologia e também da Sociologia, entre outros e que deve ter uma função central na necessária renovação do ensino. É uma ciência que tem um papel decisivo na formação da cidadania, a Geografia não é um saber inútil e desinteressado. A Geografia como já foi citada é indispensável para todos.

O ensino da Geografia é assim cheio de novos desafios que a Geografia tradicional vai ignorar, é preciso que o ensino seja voltado para o meio que o aluno e o professor estejam inseridos, na perspectiva de uma Geografia crítica. Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história. Não se trata de modas, como querem alguns professores que se recusam a ler obras novas e a tentar renovar suas lições de buscar e valorizar o ensino por completo, e sim de uma necessidade real, de procurar acompanhar as mudanças do mundo ou correr o risco de acabar desvalorizado pelos próprios alunos.

Essa Geografia ainda está se desenvolvendo, especialmente no ensino. Mas é a Geografia que pretendemos construir e sabemos que isso é possível e muito necessário, porque o ensino de Geografia tem um papel decisivo na formação de cidadãos críticos.

4 - CAPÍTULO: A GEOGRAFIA E O LUGAR DA ESCOLA.

Como já citado anteriormente, entende-se que a Geografia é uma ciência capaz de fornecer subsídios para a construção de sujeitos, pessoas críticas e conscientes, mas para isso é preciso que na escola, não a abordem como uma disciplina “decoreba” como infelizmente, costumam expor.

Por que foi escolhido o conceito de “lugar”? Porque se acreditou que esse conceito é o caminho para se entender a realidade em que vivemos e o lugar assume nos dias atuais uma nova dimensão, ou seja, é impossível esconder das crianças o “mundo”, quando as informações lhes são passadas no exato instante do seu acontecimento, mas para isso se faz necessário produzir um ensino de Geografia que esteja vinculado com a realidade local dos educandos. De modo que o estudo do lugar onde o aluno mora signifique a construção de valores de identidade e pertencimento.

Neste sentido, considera Straforini:

[...] estudar o lugar para compreender o mundo significa para o aluno a possibilidade de trilhar no caminho de construir a sua identidade e reconhecer o seu pertencimento. Faltam-nos muito esses valores de identidade e pertencimento num mundo que se pretende homogêneo, mas que é contraditório e diverso tanto nas relações entre os homens, e destes com a natureza, assim como no espaço que estamos construindo no cotidiano de nossas vidas. (STRAFORINI, 2004, p.18).

Através desse conceito de lugar, é que objetiva-se compreender a realidade do ensino da disciplina Geografia, pois como diz Straforini (2004), o lugar é o ponto de partida para o ensino da Geografia.

E o nosso ponto de partida foi a Escola Bilac Pinto, uma escola bem conservada, organizada, que tem quadra poliesportiva, mas chama muito a atenção das crianças, pois possui algumas árvores, o que torna o ambiente agradável e bonito. A instituição de ensino oferece do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, tem sala de vídeo e também de leitura, existem 11 salas de aulas, uma diretoria, pracinha, cantina onde são oferecidas refeições para as crianças. Essa escola atende seis turmas pelo turno matutino e duas turmas pelo turno vespertino, também a noite funciona uma turma de EJA (Educação de

jovens e adultos). No total a escola possui 250 alunos. Podemos observar também que existe harmonia entre funcionários e alunos.



Corredor e pracinha da escola. Fonte: arquivos da autora.

A escola Embaixador Bilac Pinto recebeu esse nome para homenagear, o político mineiro Olavo Bilac Pinto, líder da extinta União Democrática Nacional, ex-secretário de finanças do estado de Minas Gerais, deputado Federal por várias legislaturas, embaixador do Brasil na França e ministro do Supremo Tribunal Federal de 1970 a 1978. Antes chamada de Grupo Escolar Embaixador Bilac Pinto, no ano de 1970 e em 1981 passou a se chamar Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto.



Foto da escola Embaixador Bilac Pinto. Fonte: In: www.GoogleMaps

4.1 A PROFESSORA E O LUGAR DA GEOGRAFIA

A entrevista realizada com a professora, também, foi um marco inicial para que as perguntas e angústias se esclarecessem. A professora entrevistada é carismática, mostrou-se atenciosa, responsável e, também, percebeu-se que tinha domínio de sala, tendo quase sempre apoio dos alunos. Ela será aqui chamada de Maria da Glória⁵.

No primeiro dia das observações, 19 de março, a professora Maria da Glória quando perguntada se concordava com o método da decoreba nas disciplinas, ela nos disse que “precisava seguir aquilo que todos seguem”⁶, daí que, concordando com as ideias de Cavalcanti entende-se que o responsável por isso é o formalismo didático. Diz Cavalcanti:

Pode-se entender que o problema está justamente na questão do formalismo didático. A memorização induzida na geografia não é uma memorização desejada pelo aluno, pode-se dizer mesmo que é uma memorização forçada. O aluno, em geral, não quer decorar fatos, nomes da geografia, não porque ele não quer decorar nenhuma informação, mas porque ele não é mobilizado para as informações da Geografia. (CAVALCANTI, 1998, p.132).

Essa professora mostrou-se bem enquadrada nessa ideia, pois, embora ela nos dissesse, quando questionada se procurava usar outros recursos além do livro didático, ela respondeu que sim, que utiliza pesquisas na internet sobre o conteúdo trabalhado, que ler outros autores que tratam dos mesmos conteúdos e que tenta explicar bastante o tema abordado, pois acredita que é uma forma de lembrar o conteúdo, ela crer mesmo é que não tem como os alunos aprenderem sem decorar os conteúdos. Ficou constatado na sua resposta a contradição e revela ainda que ela confunde recursos didáticos com procedimentos didáticos.

Já quando questionada sobre o que acha do ensino da Geografia Crítica, verbalmente a professora nos afirma que “a Geografia crítica não é tão fácil de ser aplicada como muitos pensam, pois para ela, mesmo que quisesse ensinar de forma crítica seria muito difícil, pois quase nenhum dos colegas professores utiliza esse método, eles seguem somente os livros didáticos”. Talvez esse seja esse um dos

⁵ Esse nome é fictício e tem como objetivo preservar a identidade da professora entrevistada.

⁶ Estas palavras não representam *ipsis literis* as palavras da professora, mas sim uma síntese delas.

desafios que a Maria da Glória encontra na educação. A prova disso é que quando perguntada, o que seria a escola Estadual Embaixador Bilac Pinto para ela, respondeu que “É o lugar onde encontra certo tipos de desafios que não esperava encontrar na educação, mas gosta de trabalhar nessa escola”.

Contudo sabe-se, que assim como qualquer outro trabalhador, os professores também sofrem com o processo de fortalecimento no seu trabalho pedagógico em sala de aula. É o que diz Tardif & Lassard (2007, p. 25) observam um crescimento da burocracia dentro das próprias tarefas do dia-a-dia do professor.

Já quando perguntada sobre o conceito de ‘lugar’ para a Geografia crítica na série que leciona, a professora respondeu que “é integrar o aluno à realidade das mudanças que acontecem no espaço da Geografia”. Entende-se com isso que ela se contradiz, como por exemplo, em uma das aulas observadas, a professora trabalhou com o tema: Limites de Sergipe; explicou para os alunos a aula através do mapa de Sergipe, tudo de forma bem rápida, sem deixar os alunos questionarem, conhecerem o mapa do seu município, ou seja, a professora pensa de uma forma e age de outra. Mais uma vez retoma a resposta anterior, pois não foi encontrado em nenhum momento essa interação dos alunos com a realidade que eles vivem.

Sei que você pode ir a várias escolas, mas tenho quase certeza que não encontrará nenhum professor ensinando dessa forma, é tudo muito bonito, mas o método da decoreba é de muito tempo, ninguém deixa de lado. (Maria da Glória)

Os alunos dessa escola usam o livro didático Projeto Prosa (Geografia) dos autores Angela Rama e Marcelo Moraes Paula, obra com o selo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) nos anos de 2010, 2011 e 2012. O livro possui conteúdos bem resumidos e com poucas figuras, apresenta também exercícios e incentivos às pesquisas. Mas, observamos também que são conteúdos pouco explanados, onde não mostram detalhes dos próprios conteúdos. Isso não facilita o trabalho da professora, revela ela.



Livro do 4º ano de Geografia adotado pela escola pesquisada

Na entrevista, quando perguntada se o livro didático de Geografia trabalha o conceito de lugar de forma crítica e de que forma, a professora respondeu que “não trabalha a realidade do lugar em que o aluno vive, o professor tem que integrar no conteúdo”. Com relação a sua resposta, pode-se observar que existe no livro didático realmente como já citamos ausência dessa integração. Embora a professora admita que é o professor que tem que fazer essa integração, ela não consegue trabalhar com seus alunos de acordo com a sua realidade, ao contrário, trabalha de forma consciente que existe uma tradição que deve ser seguida e obedecida.

Tal ensino é tratado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (BRASIL, 2001, p.115) que afirmam:

[...] a maneira mais comum de ensinar Geografia tem sido pelo discurso do professor ou pelo livro didático. Este discurso sempre parte de alguma noção ou conceito chave e versa sobre algum fenômeno social, cultural ou natural que é descrito e explicado, de forma descontextualizada do lugar ou do espaço no qual se encontra inserido. Após a exposição, ou trabalho de leitura, o professor avalia, pelos exercícios de memorização, se os alunos aprenderam o conteúdo.

Em relação ao preparo das aulas, a professora trabalhava de forma bem tradicional, como aponta os PCNs, sem trazer algo diferente em suas aulas, como a simples utilização de mapas, o livro didático e avaliações por meio de exercício de memorização. Pelo que podemos perceber era sempre aquela relação, monótona entre professora quadro e aluno, onde se dificulta muito a aprendizagem do conhecimento pelo aluno, e faz com o que, não só as aulas de Geografia, mas a própria ciência geográfica se tornem cada vez mais desinteressantes.

Contudo, acredita-se que é sempre possível um trabalho educativo voltado à liberdade de expressão inovadora. Resta agora, como futuros professores, nos apropriarmos dessa tarefa para que possamos vivenciar a lógica entre o nosso discurso e a nossa prática, pois conforme coloca Freire (1994, p. 35)

[...] as dificuldades [...] diminuiriam se a escola levasse em consideração a cultura dos oprimidos, sua linguagem, sua forma eficiente de fazer contas, seu saber fragmentário do mundo de onde, afinal, transitam até o saber mais sistematizado, que cabe a escola trabalhar. Obviamente, esta não é uma tarefa a ser cumprida pela escola da classe dominante, mas tarefa a ser realizada na escola da classe dominante, entre nós, agora, por educadores e educadoras progressistas, que vivem a coerência entre seu discurso e sua prática. FREIRE (1994, p. 35)

Assim, para que a Geografia se torne viva para os alunos é preciso que o professor se utilize de vários recursos didáticos que auxiliem na compreensão do conteúdo estudado como: música, teatro, filmes, mapas, fotos, textos, pesquisas de campo, entrevista com os pais, etc. Não tem como se construir um ensino instigante de Geografia, se o professor continuar a utilizar apenas o livro didático, lousa e giz e certamente, também não tem como construir uma Geografia crítica se o ensino estiver ancorado somente na memorização.

Será que é tão difícil realizar um ensino desse jeito, um ensino que requer dedicação, recursos didáticos que auxiliem na compreensão dos conteúdos estudados? Essa foi, também, outra pergunta que foi feita durante a pesquisa e pode-se responder que para ser um bom professor precisa-se ter determinação, domínio de conhecimento, sobretudo ter apoio da coordenação e condições de trabalhos favoráveis. Pois o que foi visto na faculdade, pode-se mudar o ensino do nosso país com ferramentas como essas citadas, podem ser executadas, basta acreditarmos e colocarmos em prática os conhecimentos adquiridos, sem perder de vista a realidade em que vivemos principalmente a que o aluno vive.

Parecia que, para a professora Maria da Glória, mudança é algo muito remoto, algo que não precisa ser vivido. Para ela o ensino da Geografia foi e vai continuar sendo do mesmo jeito. Mas, não comungamos com isso, porque acreditamos no ensino de qualidade, crítico.

Na compreensão de Castrogiovanni (2003), pesquisas comprovam que muitos dos nossos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em Geografia. E segundo a professora pesquisada, ela teve “noções” de Geografia na Faculdade, sempre gostou da disciplina, mas aprendeu na escola através dos exercícios. Com isso, tenta ensinar seus alunos da mesma forma. Conclui-se assim, que essas crianças chegarão ao 2º ciclo do Ensino Fundamental, sem a construção das noções e elaborações conceituais que compreenderia tal alfabetização geográfica.

Como pode ser difícil ensinar crianças a compreender a realidade em que elas vivem? Pois, a possibilidade de fazer do ensino de Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental um caminho para compreender a realidade em que se vive, é bastante concreta. Continuando a ideia do autor,

[...] também neste nível de ensino é possível ensinar Geografia e torná-la interessante, despertando nas crianças um interesse maior de procurar entender o mundo em que vivemos. (STRAFORINI, 2004, p.18).

Com relação mais especificamente aos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como Straforini (2004, p.18), enxergamos a possibilidade concreta de se realizar um ensino de Geografia na perspectiva de construir uma compreensão acerca da realidade vivida, fazendo da Geografia uma disciplina interessante e que por meio dela as crianças possam entender melhor o mundo.

Visto dessa forma, o ensino da Geografia terá por finalidade formar pessoas capazes de se situar criticamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo.

É inconcebível uma educação feita mercadoria, porque ela reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. “Essa educação setorial, profissional e consumista só (re) produz gente deseducada para a vida” (SANTOS, 1997, p. 39).

Existem caminhos que ajudam tanto ao aluno como ao professor a serem cidadãos críticos. Os alunos esperam professores bons que possam ensinar esse caminho para eles e os professores precisam melhorar seu desempenho e buscar recursos novos que tragam melhores resultados.

Segundo Sacristán (1998), a escola e a educação do professor são elementos cruciais no processo de realização de uma sociedade mais justa. Por assim, cada um tem um papel decisivo. O professor deve ter compromisso político de provocar a formação da consciência dos cidadãos na análise crítica levando em consideração a comunidade em que vivem os alunos, mostrando interesse pelos problemas coletivos. Sendo assim, Sacristan pontua que na perspectiva crítica a formação do professor se dá através da reconstrução social. Trabalhando para construir uma sociedade justa e igualitária no processo de transformação da atual sociedade.

Preparar professores as que tenham perspectivas críticas sobre as relações entre a escola e as desigualdades sociais é um compromisso moral para contribuir para a correção de tais desigualdades mediante as atividades cotidianas na aula e na escola (ZEICHNER 1990, apud SACRISTAN, 1998, p.32)

As aulas da disciplina Geografia nas mãos de professores que a conhece profundamente são armas poderosas que produzem a reflexão com crítica, dando oportunidades ao próprio professor de criar alternativas pedagógicas que auxiliem o aparecimento de um novo tipo de sujeito, preocupado não só com a carreira profissional, mas com um novo projeto social e político, e que visa a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária.

4.2 OS ALUNOS E O LUGAR DA GEOGRAFIA

Na escola Bilac Pinto deparou-se com as coordenadoras que acolheram muito bem a autora, mas quando foi proposta a observação nas séries iniciais 1º e 2º anos que de início, era a proposta dessa pesquisa, nos disseram que não seria uma experiência muito boa, pois os alunos das series citadas não tinham a disciplina Geografia. Foi a partir daí que também foi notado mais um indício de que a Geografia não era relevante nessa escola. Segundo uma das coordenadoras, só a partir do 3º ano é que os alunos têm acesso a essa disciplina. Não nos surpreendeu essa postura da escola, pois sabe-se que existem muitas escolas nessa situação, como nos fala, ainda, Straforini (2002, p.96):

Sabemos que nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental as aulas de Geografia, assim como das outras disciplinas que não sejam Português e Matemática, ocupam um papel secundário, muitas vezes irrelevante no cotidiano da escola. Sabemos que isso decorre da falta de discussões teóricas, metodológicas e epistemológicas, bem como do grande problema na formação dos professores das séries iniciais, que assumem as suas dificuldades perante a discussão teórica das referidas disciplinas. STRAFORINI (2002, p.96).

Contudo, esperava-se achar deficiências na escola pesquisada, mas não sabia-se que ia-se deparar com a irrelevância total da disciplina Geografia em algumas séries. Isso infelizmente é lamentável, ver crianças em escolas que não cumprem o seu papel, porque se sabe que em todas as séries do ensino fundamental, todos os alunos tem o direito de ter todas as disciplinas do currículo nacional, mesmo que não ensine como deveria, mas acredita-se que pelo menos o básico da disciplina os alunos deveriam ter.

Considera-se o fato de que é na sala de aula, cenário vivo de interações, que as crianças têm o seu primeiro contato com as noções, ideias, valores e interesses diversos. Certamente a escola é uma contradição porque esses conjuntos de ideias se desenvolvem lentamente, pois as crianças precisam ter seus direitos garantidos. Quanto mais cedo elas tiverem acesso a essas noções de conhecimentos da disciplina Geografia, melhores serão os resultados quando conhecerem uma disciplina séria e crítica.

Entende-se que desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, já necessita de instrumentalizar o educando, por meio da Geografia, para que reflita a respeito da necessidade e possibilidade de construção de outra realidade, que seja centrada no ser

humano e, não mais, no capital. Sendo assim, concordamos com o que diz Straforini (2004), pois, segundo ele, o estudo do espaço geográfico nos permite chegar a construção dessa reflexão. Em suas palavras:

Ensinar Geografia para as séries iniciais do Ensino Fundamental significa a possibilidade de construirmos um outro mundo, uma outra possibilidade para a existência que não seja centrada na mercadoria e no dinheiro. Acreditamos que o espaço como uma categoria filosófica, permite esse deslumbramento. (STRAFORINI, 2004, p.23).

Contudo, procura-se atentar aos alunos do 4º ano, que por indicação das coordenadoras ter-se-ia melhor rendimento. Não era bem o nosso foco, mas não recusamos, pois queríamos mesmo era observar como a disciplina Geografia estava sendo ensinada e nos deparamos com essa situação, o que já nos deixou na expectativa de descobrir das demais séries.

Quando perguntado para os alunos, se gostavam das aulas de Geografia, eles responderam que sim, porque a professora era boa e que ela ensina para eles muitas coisas interessantes.

Teve-se um momento em que a professora nos permitiu realizar a entrevista com seus alunos, ficamos com os eles cerca de 20 minutos, falamos um pouco sobre o que estávamos realizando, qual era a nossa proposta e o que queríamos fazer, foi surpreendente, todos os alunos se interessaram em responder a pergunta que foi feita: *“O que é a Escola Embaixador Bilac Pinto para você?” Fale sobre esse Lugar*. E a partir das respostas desses alunos, pode-se compreender que o significado daquele lugar para eles é onde conseguem encontrar afeto, amigos, é um lugar que fica próximo da casa, o lugar onde aprendem, se divertem, conhecem os amigos, enfim, classificam aquele lugar, a escola que estudam, como o melhor lugar.

Ver aqueles alunos elogiarem tanto a escola que estudam foi um dos momentos da pesquisa que mais nos chamou atenção, uma experiência maravilhosa, porque cada significado que eles davam sobre aquele lugar era sem dúvida o que eles realmente pensavam. Vários foram os significados que eles deram como já citamos, mas alguns nos chamaram atenção.

Vejamos como os alunos Pedro e Michelle⁷ responderam:

⁷ Esses nomes são fictícios e tem como objetivo preservar a identidade das crianças.

A escola Bilac Pinto é como se fosse um pais da Maravilha, e como fosse também minha casa e meus colegas é como fosse também minha um irmão para mim e a professora é como se fosse uma mãe, uma coelheira para mim. (aluno Pedro)⁸

Eu gosto de estudar nessa escola porque lá ensina bem, a professora é boa e ensina muito bem. Eu gosto da escola porque ela é bonita e colorida, tem flores, eu nunca quero sair daqui por isso. E o nome da professora de Geografia é Lindéia,⁹. (aluna Michelle)

Os alunos associam aquele lugar com o lar familiar, pelo respeito, atenção e amor que recebem, como também associam como um lugar belo e por menor que tenha sido nossa participação o carinho por nós também existia chamando-nos de professores.

A maioria desses alunos admira a escola, sem encontrarem defeito, e essa admiração nos permite dizer que, existi ali naquele lugar reciprocidade entre alunos e professores, sendo também um dos pontos positivos que encontramos nessa pesquisa, pois acreditamos que é preciso que haja nas escolas respeito, carinho e atenção no mínimo, para poder assim formar cidadãos críticos.



(O lugar que os alunos admiram e gostam, a escola) Fonte: In: www.GoogleMaps

Esses alunos estabelecem relações entre o lugar que estudam com o mundo e isso para nós foi significativo. Contudo, fica evidente que o papel do professor é

⁸ Com a ideia de preservar a forma genuína de escrever das crianças decidimos por manter *ipsis literis* as suas palavras.

⁹ Associaram o nosso nome à disciplina, chamando-nos de professora da disciplina pesquisada.

auxiliar na construção dessas relações, pois se o professor não estiver alicerçado no conceito atual de lugar, continuará apenas dividindo o espaço geográfico em partes.

E é como Libâneo diz (1994, p.250) faz-se necessário o diálogo.

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor.

Foi apenas uma pesquisa, mas parecia que éramos bem próximos, alunos e professores. Com relação aos alunos não encontramos nenhum obstáculo, pelo contrário nos receberam bem e a obediência e o respeito era um fator que não tínhamos como reclamar.

Como percebemos isso? Durante as semanas que passamos com aqueles alunos, observamos que são alunos que gostam de estudar, estão ali para aprender, mas não conhecem o verdadeiro sentido da Geografia. São alunos bons, atenciosos e amorosos que necessitam de ajuda para compreender que não basta memorizar e fazer exercícios abstratos, mas também é preciso vivenciar a partir do concreto, do real.

Percebemos com as observações e também com as respostas dos alunos que, eles mostraram-se bem contentes com o ensino, admitem que gostam da escola, acreditam que não há escola melhor, admiram todos os funcionários e relatam que aquele lugar é maravilhoso.

Eu acho muito boa e tabem muito divertida, gosto dos meus colega da minha professora, gosto tabem de estudar, porque quero ser alguem da vida. Só que tabem gosto de brica com meus colega, gosto da diretora só isso que tenho para falar. (aluno João)

“Essa escola e uma escola que tem professora muito inteligente, essa escola e bonita, grande, alegre é cheio de criança que ser esforça para estudar e a diretora é inteligente e as crianças também”. (aluna Mônica)

Eu escolhi esse lugar porque ele é procimo da minha casa. Aqui é uma escola muito legal e as professoras são muito boas, que se esforça para nós ensinar e elas fala muito sobre nosso país e estado, amostra os mapas fala sobre um monte de coisas. exemplos: Astros, planetas, o nosso continente, os nativos e etc. (aluno Rômulo)

Relatos como os dos alunos João e Mônica, nos faz acreditar por um momento que, o ensino dessa escola é bom e através das observações. Nota-se que a escola realmente oferece essa dedicação e esse carinho, e que talvez esses alunos não encontrem em suas casas toda essa afetividade. Mas sabemos que é preciso muito mais que dedicação e carinho. Já a descrição do aluno Rômulo, nos chama atenção por

justamente achar que a professora se esforça para ensiná-los. Ele se mostra satisfeito com a metodologia que a professora trabalha.

Outros relatos que achamos significativos foram os dos alunos Sandrinha e Juliana, que descrevem o lugar que estudam como algo atrativo, que os fazem felizes e que transmite total acolhimento, tendo assim, apego ao local. Percebemos também que a localização, a proximidade entre a escola e casa deles é um dos fatores que também contribuem para toda essa aprovação pela escola.

“Eu gosto do Bilac Pinto porque é a escola que me faz feliz e eu estudo muito. Eu moro perto dela a escola Bilac Pinto é boa, bonita, lipa e grade, também gosto da minha professora”. (aluna Sandrinha)

Eu gosto muito do Bilac Pinto, essa escola é o meu estudo nesse ano ia muda desta escola mais eu gosto muito dessa escola que é runhi separar. Essa escola é gostoso e melho deque toda escola que estudei é bom que é perto da minha casa e tambam eu gosto muito da minha professora e da professora Lindéia ei só minhas palavras da Escola Embaixador Bilac Pinto”. (aluna Juliana)

É lamentável saber que só a atenção o respeito e o carinho possam suprir o ensino por completo. Observamos que são alunos carentes de baixa renda, mas com personalidades de gente que querem crescer na vida, de gente que querem estudar. Entendemos que aqueles alunos não sabem como a Geografia é rica, o quanto a Geografia pode ensiná-los a valorizar o mundo e a criar seus próprios conceitos. Com isso, a atenção e o carinho que aquela professora tem por eles, os ajudam a aceitar o ensino e a acharem que tem que ser dessa forma e que tanto o ensino quanto a professora estão muito bons. É preciso ter atenção, carinho e respeito, mas como já colocamos, isso por si só não basta, é preciso ir além e mostrar o quanto a Geografia pode beneficiá-los.

Infelizmente, essa satisfação não ajuda na construção de um ensino de qualidade, pois percebemos que se os alunos estão contentes com a situação, então talvez eles não estejam pensando de forma correta, mas apenas recebem os dados e os aceitam o que podemos esperar é que os professores se conscientizem de que o ensino de qualidade é a melhor maneira de formar conscientes cidadãos, mostrando seu valor e a sua importância. Dando assim total importância a disciplina, construindo novas perspectivas, que apontam para a existência de diferentes formas de aprender, com ou sem necessariamente a utilização do livro didático, da lousa e da decoreba. Esses recursos podem ajudar, mas não são exclusivos para um ensino de qualidade.

Sendo a Geografia uma ciência que preocupa explicar e compreender o mundo por meio de uma leitura crítica a partir da paisagem, seu estudo pode oferecer grande contribuição para decodificar as imagens manipuladoras que a mídia constrói na consciência das pessoas, seja em relação aos valores socioculturais, seja em relação a padrões de comportamento políticos e nacionais, por exemplo. (BRASIL, 2001, p.29)

Nesse sentido, os PCNs contêm a perspectiva de que o ensino de Geografia tem o poder de transformar. Proporcionando aos alunos compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando aos mesmos interferir de maneira mais consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos nessa pesquisa, e tentando dar respostas às perguntas feitas inicialmente, pode-se perceber que a desvalorização do ensino da Geografia se dá, através do próprio professor, por estar baseado em visões tradicionais, e por não dar, oportunidade para novos métodos de ensino e de aprendizagem sendo o comodismo, o livro didático, o medo de mudar, a prática pedagógica tradicional, alguns dos principais motivos que levam esses professores a não pôr em prática um ensino instigante, crítico e pensante.

Também se pode concluir que a professora não consegue se libertar dos métodos tradicionais, pois não busca qualificar o ensino enquanto ao professor de Geografia hoje, cabe a tarefa de desenvolver uma prática que seja aberta a possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade.

O professor precisa ser consciente e entender que o ensino da disciplina Geografia tanto nos anos iniciais quanto em qualquer outra série é muito rico em conhecimento, além de ajudar e conscientizar seus alunos a serem cidadãos críticos não importa o que a mudança irá ocasionar o método tradicional não traz aprendizagem, e sim, ensina a decorar para depois esquecer. É fundamental, portanto, que os professores abandonem o método tradicional e assumam uma postura crítica na prática de sala de aula, tanto para administrar os conteúdos, mas principalmente para formar cidadãos críticos.

E assim, espera-se que bons professores possam realizar, mostrar e ensinar aos seus alunos uma Geografia crítica. Essa Geografia que tanto tem a oferecer para os alunos, como exercer seu próprio papel na sociedade, capaz de abrir os horizontes e refletir como é bom saber observar e criar novas perspectivas. O tempo atual exige alunos críticos, ativos, capazes de construir seus próprios conhecimentos.

Também se pode concluir que os próprios alunos se mostram satisfeitos com esse ensino. Eles gostam do ensino porque a professora para eles é agradável e todos que trabalham na escola são pessoas boas, mas não entendem a verdadeira riqueza que a disciplina possui, pois desde cedo aprenderam que a Geografia é bonita como está sendo

ensinada, e não imaginam o quanto ela pode ser poderosa, o quanto ela é rica e instigante.

Contudo, também avaliamos que as coordenadoras não estão por dentro do real motivo de integrar o aluno na sociedade, pois acreditam que não existem aprendizagem de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

E assim, se faz uma análise de que toda equipe da escola (professores, diretores, coordenadores) precisam se empenhar, cumprindo seus papéis, atuando-os de forma verdadeira. Professor, buscando sempre o conhecimento, aprimorando-se, levando diferentes formas de metodologias para sala de aula, trabalhando sempre com a realidade dos seus alunos; a coordenação, procurando designar tarefas de incentivos e valorização de seus professores sempre com alternativas para melhor atender aos alunos.

Como foi analisado em nossa pesquisa, entendemos que o ensino da Geografia nas séries iniciais requer domínio de seus conceitos, preparação e que as aulas sejam trabalhadas a partir do conhecimento aluno sobre o lugar onde vive. Mas para isso é preciso que haja compromisso e determinação da direção e dos professores para vencer esse desafio e a partir daí refletir e buscar na Geografia Crítica as alternativas que só ela nos oferece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais -1ª a 4ª Séries**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Geografia em sala de aula pratica e reflexões**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2003.

CARLOS, Ana. Fani. Alessandri 1996. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec., p 55-62. 1996

CAVALCANTI, Lana de Souza, **Geografia , escola e Construção de Conhecimento**, (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico). Campinas, SP: Papirus, pg 132. 1998.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base editorial, pg, 18-25. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisas**, aed. Reimpr. São Paulo:Atlas, 2009.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. TESE (Doutorado em Geogarafoia Humana).Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LACOSTE, Y. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London:Pion, pg 38- 41.1980.

SACRISTÁN, J. Gimeno,A. I. PÉREZ Gómez; trad. Ernani F. da Fonseca Rosa- Compreender e transformar o ensino, 4ed- Artmed, cap200, pg. 365-379,1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, pg 145-148. 1996

SANTOS, Milton;**Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**, Hucitec, São Paulo, 1994, (2ª edição: 1996).

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, pg 20-39, 1997.

STRAFORINI, Rafael. **A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado**. Terra livre, São Paulo, v.1, p. 95-114. 2002.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

TARDIF, Maurice; LASSARD, Claude. **Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, p 20- 35,2007.

VESENTINI, J. W. **O Ensino de Geografia no Século XXI**. 2 ed. Campinas: Papirus, p 220,2005

VESENTINI, J. W. . **O ensino da geografia no final do século XX**, Presidente Prudente – São Paulo, v. 17, p. 5-19, 1995.

VESENTINI, J. W. **Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação**. In: Ana Fani A. Carlos. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 1999, v. 1, p. 14-33.

ANEXOS:

ENTREVISTAS:

Foi feita a seguinte pergunta aos alunos do 4º ano: O que é a escola Estadual Embaixador Bilac Pinto para você? Fale sobre esse lugar. Estas respostas representam **ipsis litéris** as palavras dos alunos.

Respostas:

Aluna: **Cora**

Eu acho que a escola é muito boa e divertida, as professoras ensinam bem a gente se diverte, brincamos e estudamos muito bem e a escola é grande e bonita e divertida muito legal.

Aluno: **João**

Eu acho muito boa e também muito divertida, gosto dos meus colegas da minha professoras, gosto também de estudar, porque quero ser alguém da vida. Só que também gosto de brincar com meus colegas, gosto da diretora só isso que tenho para falar.

Aluna: **Larissa**

Essa escola é uma escola que tem professora muito inteligente, essa escola é bonita, grande, alegre é cheio de criança que se esforça para estudar e a diretora é inteligente e as crianças também.

Aluna: **Pedro**

A escola Bilac Pinto é como se fosse um pai da Maravilha é como fosse também minha casa e meus colegas é como fosse um irmão para mim e a professora é como se fosse uma mãe uma cozinheira para mim.

Aluno: **Tarcísio**

Eu estudo nessa escola porque é próximo da minha casa e essa escola é boa de brincar e estudar e essa escola tem quadra para gente quadra para gente jogar de bola e brincar de queimado e a escola é grande.

Aluno: **Ronaldo**

Eu gosto muito da escola estadual Embaixador Bilac Pinto eu prefiro a escola estadual do que a particular.

Aluna: **Adriana**

Porque não tinha outra escola que não tinha a minha sere. É bom eu gostei e também da professora Maria da Glória.

Aluno: **Mariana**

É porque eu gosto daqui, eu moro um pouco longe, aqui eu estudo, eu brinco e vouto para a sala, tem dever de casa.

Aluna: **Carla**

A escola que eu estudo é muito legal, eu não vinha pra cá, eu só vim pra cá porque minha mãe encontrou essa escola, no começo eu não queria vir, mais teve um dia que eu quis vir e eu amei aqui e quis ficar quase eu ia sair daqui, mas graças a mim eu não sair e enfim eu adorei aqui, e no primeiro dia conheci Gresinha e Maria e eu agora amo essa escola.

Aluna: **Jussara**

Eu moro próximo, é bom, é importante para mim, é especial, tem brincadeiras.

Aluno: **Rômulo**

Eu escolhi esse lugar porque ele é próximo da minha casa. Aqui é uma escola muito legal e as professoras são muito boas, que se esforça para nós ensinar e elas fala muito sobre nosso país e estado, mostra os mapas fala sobre um monte de coisas. Exemplos: Astros, planetas, o nosso continente, os nativos e etc.

Aluna: **Michelle**

Eu gosto de estudar nessa escola porque lá ensina bem, a professora é boa e ensina muito bem. Eu gosto da escola porque ela é bonita e colorida, tem flores, eu nunca quero sair daqui por isso. E o nome da professora de Geografia é Lindéia.

Aluno: **Uilson**

Bom escola e bon professore.

Aluno: **Rangel**

Eu gosto da escola porque ela é muito boa, também a direção cabe o que fais, as professores são muito boa, emcinão bem também fica perto da minha casa tem sala de informática e eu rezovi estuda aqui porque eu acho a escola Bilac Pinto a melho escola do Brasil.

Aluna: **Juliana**

Eu gosto muito do Bilac Pinto, essa escola é o meu estudo nesse ano ia muda desta escola mais eu gosto muito dessa escola que é runhi separar. Essa escola é gostoso e melho deque toda escola que estudei é bom que é perto da minha casa e tambam eu gosto muito da minha professora e da professora Lindéia ei só minhas palavras da Escola Embaixador Bilac Pinto

Aluna: **Leane**

Ela é como uma casa pra me porque aqui eu aprendo mais coisa. Nessa escola eu aprende a ler no 2º ano. Quando estava no 3º ano aprende mais coisas com a professora. E a escola é o luga que eu mais gosto.

Aluna: **Sadrinha**

Eu gosto do Bilac Pinto porque é a escola que me faz feliz e eu estudo muito. Eu moro perto dela a escola Bilac Pinto é boa, bonita, lipa e grade, também gosto da minha professora.

Aluno: **Marcelo**

Porque é muito boa e a professora boa a diretora boa escola muito boa.

Aluno: **Conrado**

É porque eu gosto daqui é muito bem esta escola, ela tem sala de vídeo, tem professora boa que ensina bem, tem tudo de bom. Eu morro perto daqui, é porque também a loja do meu tio é aqui enfrente desta escola. Eu gosto daqui porque tem brincadeiras.

Esse é um rol de perguntas feita para a professora do 4º ano do ensino fundamental (1º ciclo)

- 1) O que é a escola Estadual Embaixador Bilac Pinto para você? Fale sobre esse lugar:

Resp. É o lugar onde encontro certo tipos de desafios que não esperava encontrar na educação, mas gosto de trabalhar aqui.

- 2) Em que momento você trabalhou a escola como tema da aula?

Resp. :Desde da chegada no momento da acolhida

- 3) Qual a importância desse lugar (Escola Bilac Pinto) para você?

Resp. : É o lugar em que aprendemos uns com outros. Saber respeitar os direitos e deveres do próximo, tornando cidadãos com consciência dos seus atos na sociedade.

- 4) O livro didático de Geografia trabalha o conceito de lugar de forma crítica? De que forma?

Resp. :Não trabalha a realidade de lugar em que o aluno vive. O professor tem que integrar no conteúdo.

- 5) Qual o conceito de lugar para a Geografia crítica na série que leciona?

Resp. :Integrar o aluno à realidade das mudanças que acontecem no espaço da geografia.